



In fe ste Burg



ist un ser Gott/

Louva o Senhor pelo canto!

*Das exultações do Rei Davi aos coros de música pop atuais,
o poder inspirador dos hinos sacros nunca morreu*

ERNEST O. HAUSER

HINOS são cânticos pelos quais o coração se comunica com Deus. Fazem parte das orações, por exprimirem também a nossa fé, mas ocupam lugar especial em nossa devoção por corresponderem a uma profunda necessidade de louvar a Deus pela música.

Eles abrangem todas as modalidades de nossa vida religiosa, havendo um hino para cada tempo, cada estado de alma. Há hinos para marcar os momentos festivos do ano, hinos que traduzem nossas esperanças e preocupações, hinos de ação de graças e de júbilo. Muitos de nós sabemos de cor

alguns deles. Entre esses, há hinos «pessoais», como que gravados em nossas almas, que fazem vibrar uma corda de ternura cada vez que os entoamos. Despertando suavemente nossas lembranças, abrangem grandes etapas da nossa vida. Nas horas de aflição, é geralmente um hino que nos vem à mente. Conta-se que, em 1912, enquanto o *Titanic* afundava, com suas 1.500 vítimas, a orquestra de bordo tocou o hino «Mais perto de ti, meu Deus», que foi cantado pelos passageiros.

É gracejo habitual entre o clero que metade dos fiéis freqüentam a

igreja apenas por causa dos cânticos, mas a maioria não é dessa opinião, pois os hinos ensinam a doutrina, repontando neles a rocha perene da Escritura, onde vão haurir os temas da vida eterna. Do Gênesis ao Apocalipse, não existe um só livro do Antigo ou do Novo Testamento de que não encontremos o reflexo num hino sagrado. Os quatro Evangelhos e as cartas de São Paulo fornecem aos hinos grande variedade de tópicos, e devemos ao Apóstolo o másculo sopro de luta que perpassa em tantos deles.

Os gênios de muitas nações adotaram esses hinos sacros. Entre os escritores, encontram-se Santo Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Rudyard Kipling; como, entre os compositores, Bach, Handel e Haydn. No entanto, foram os antigos judeus que nos legaram o filão inicial dos hinos de louvor: o Livro dos Salmos. Os 150 salmos da Bíblia, muitos dos quais atribuídos ao próprio Davi, foram cantados no templo de Jerusalém, acompanhados por instrumentos de cordas, e a Igreja nascente logo adotou muitos desses nobres cânticos.

Conta a História que Santo Ambrósio, o combativo bispo de Milão, introduziu na Igreja do Ocidente, por volta do ano de 380, o costume oriental dos cânticos. Lemos que, durante o seu episcopado, estando a Igreja dilacerada pela heresia ariana, «os fiéis perseveravam em constante vigília, dia e noite, sempre prontos ao sacrifício de morrer com o seu bispo, cantando hinos e salmos que os impedissem de sucumbir de cansaço ou aflição».

Esse florescimento precoce não produziu muitos frutos. Na Idade Média, foi sobretudo o clero que se dedicou ao canto, geralmente o cantochão ou gregoriano, enquanto o povo se limitava aos breves responsos. Esta penosa situação foi de repente mudada pela Reforma.

Martinho Lutero empregou o canto comunitário como uma das armas para a libertação espiritual que pretendia. «Eu gostaria de ver as artes, sobretudo a música», escreve ele, «a serviço daquele que no-las deu e nos criou.» Músico prendado (ele cantava e tocava alaúde), o antigo monge pôs-se a compor um hinário para o povo. No célebre hino «Grande fortaleza é o nosso Deus», publicado em 1529, ressoam em cada verso o seu caráter combativo, sua vontade férrea e seu desprezo pela morte. Cantado na melodia provocadora de Lutero, mais tarde polida por Bach, tornou-se o canto de guerra da Reforma.

Durante os três séculos seguintes, a Alemanha daria ao mundo mais de 80 mil hinos. Ingleses que fugiam à perseguição da Rainha D. Maria I encontraram nas igrejas protestantes do Continente uma participação de auditório jamais ouvida em sua pátria. De volta à Inglaterra, tornaram-se fervorosos promotores do canto congregacional e alguns começaram a traduzir os hinos sacros da Europa, mas seus esforços encontraram obstáculos nas altas rodas da Inglaterra, pois a Igreja deste país, imbuída de idéias calvinistas, considerava os hinos livres não bíblicos, impróprios para o culto.

A resistência anglicana, inalterável até o século XIX, explica o fato curioso de que os hinos ingleses se tenham desenvolvido sobretudo no campo dissidente, longe da majestade e do esplendor da igreja oficial. Não é sem motivo que batistas e metodistas sejam até hoje os grandes cantores da cristandade de língua inglesa.

Os peregrinos levaram a tradição dos simples salmos até as Américas. O *Bay Psalm Book* de 1640 foi o primeiro livro publicado em inglês no hemisfério ocidental, contando em seguida 70 edições. Em 1703, foi importado o primeiro órgão de igreja, e, pouco a pouco, foram aceitos os hinos locais, uma iniciativa americana.

Contudo, o principal hino surgido nos Estados Unidos foi escrito por Julia Ward Howe, que lutou a vida inteira pelos direitos da mulher. Seu «Hino de combate da República» (*Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor...*), cantado na estimulante música de uma canção campestre, foi publicado em 1862, durante a guerra civil norte-americana. Sir Winston Churchill, num derradeiro gesto de apertar as mãos através do mar, pediu que ele fosse incluído em seu funeral, como de fato o foi, em 1965.

Hoje, novos hinos têm caráter popular ou de juventude, sendo cantados segundo as ondas da moda. Em vastas catedrais ou pequenas igrejas de aldeia, jovens vozes louvam o Senhor numa nova linguagem. *Rock, jazz, calipso*, vários sons se introduzem. Piano, banjo, clarineta e o som universal da guitarra elétrica estão desafiando o venerável órgão.

Esta «primavera» não se restringe apenas às comunidades protestantes. Desde o Segundo Concílio Vaticano (1962-65), a Igreja Católica Romana, liberta do secular monopólio do latim em sua liturgia, abriu as portas ao canto em língua vernácula. «Nossas comunidades não podiam estar ausentes desta renovação», disse alguém no Vaticano. «A gente começa a cantar até sem motivo. É uma espécie de revolução, e gostamos disso.»

Como devem os hinos ser cantados? O hinário de bolso de Charles Wesley prescreve o seguinte: «*Todos* devem cantar. Unam-se o mais que possam ao auditório. Não se deixem vencer pelo tédio ou cansaço. Cantem com entusiasmo e coragem. Cantem, sobretudo, *espiritualmente*. Tenham Deus diante dos olhos a cada palavra que cantem. Procurem agradar mais a Ele que a si próprios... e o seu canto será tal que o Senhor o acolherá.»

Boa parte da vitalidade do cristianismo decorre dos seus hinos, cujos poderoso impulso, lírica suavidade ou alegria triunfante comandam a disposição das almas durante todo o culto. Cantados pelo auditório como um só corpo, ajudam a criar aquele ambiente de fraternidade tão caro aos cristãos desde o tempo dos apóstolos, e, à medida que sobem até nós, de profundezas desconhecidas, reacendem a nossa singela fé do tempo de criança, que estávamos talvez quase a perder. Eles são *religião* no sentido mais profundo e dinâmico da palavra. «Tudo o que respira louve o Senhor!», exorta o último versículo do Livro dos Salmos. «Louvai, *todos*, o Senhor.» ▲